

# FH ameaça especulador

• O presidente Fernando Henrique disse que defenderá a moeda se houver fuga de capitais. "E eu não estou pensando em termos eleitoreiros, porque o que está em jogo é o país." Ele ameaçou os especuladores: "Se tentarem especular terão uma resposta dura." O presidente não quer usar a teoria do caos contra os adversários, garante que jamais usará a máquina, mas diz que não deixará de ser quem é: "Eu sou o presidente", disse.

Numa longa entrevista que vai ao ar hoje na GloboNews, o presidente me disse que entrará confiante na campanha. Mostrou firmeza, tranqüilidade, mas em nenhum momento se comportou como se estivesse reeleito, ou fez pouco da candidatura de Lula. Pelo contrário. Diante da pergunta sobre o que ele faria se perdesse a eleição, Fernando Henrique contou que escreveria livros e faria o que gosta. Fez a ressalva de que gosta muito de ser presidente, mas que esta é uma decisão dos eleitores.

Como pela legislação, ele nem é candidato ainda, o presidente ressaltou que falava na hipótese de se tornar candidato a partir das convenções deste fim de semana. Na saída, ele disse que os partidos ainda discutem como ele aceitará a indicação para concorrer à reeleição: se com três discursos, ou um com os partidos reunidos.

Sobre a tese que divide seus conselheiros políticos, de usar ou não o lema de que os outros candidatos podem levar o país ao caos, o presidente disse que prefere outra linha de campanha.

— Não quero satanizar ninguém, já fui muito satanizado, acusado de neoliberal e outras coisas. Por isso, prefiro não satanizar. Mas uma coisa posso garantir: comigo não tem caos.

O presidente defendeu a estabilidade da moeda como uma vitória no campo social, porque produz inclusão social. Mesmo assim admite que é preciso adotar outras políticas que reduzam a exclusão. E a mais importante destas políticas é a educação. Mas lembra

que tudo depende de se manter baixa a inflação.

— Pregar inflação é crime.

O presidente admite que um dos piores problemas atuais é o do desemprego, mas afirma que ele não é insolúvel e garante que vai enfrentá-lo com o mesmo empenho com que enfrentou a inflação alta.

— Diziam que ninguém venceria a inflação não diziam? Pois não vencemos?! Vai ser a mesma coisa agora com o desemprego. Vou enfrentá-lo.

As armas para esta luta são, segundo ele, educação, requalificação profissional, investimento em setores altamente empregadores como construção civil. Ele lembrou que sem a qualificação não se consegue enfrentar o problema.

— Um metalúrgico desempregado vai trabalhar na construção civil? Por isto é preciso prepará-lo para outras funções — disse elogiando os cursos oferecidos pelo sindicato dos metalúrgicos de São Paulo que dão treinamento de informática, entre outros cursos, aos metalúrgicos desempregados.

Na entrevista, ele comenta a crise da Ásia, responde às críticas de que não fez política social, falou da privatização da Telebrás, do decisão de processar Lula, das pesquisas, da imagem de insensível, de como vai cortar o gasto público e de como fará isto sem comprometer o crescimento. Diante da pergunta sobre como vai se dividir entre os dois papéis, de candidato e presidente, ele responde:

— Não tem que haver uma divisão. Eu sou o presidente. Isto não significa usar a máquina. Isto não. O presidente tem que ter compostura.